

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 1 [Recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A educação no âmbito do político e de suas tramas; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-864-9 DOI 10.22533/at.ed.649192312</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas” foi pensado de modo que pudesse reunir pesquisas sobre educação de diversas partes do Brasil. Fazendo um apanhado de discussões atualizadas e apresentando um conjunto de resultados e experiências inovadoras, visando contribuir com a educação, sobretudo, no âmbito político e suas tramas.

São 122 artigos divididos em 4 Volumes sendo que, no Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Educação Infantil, Ensino Médio, Educação Superior e Ambiente Virtual de Aprendizagem, totalizando 33 textos inéditos.

O Volume 2, os temas selecionados foram Educação e Inclusão Escolar e Social, Arte e Cultura, Saúde e Educação. São 31 artigos que chamam para um diálogo provocante e construtivo. O índice é um convite a leitura.

O Volume 3, são 29 artigos em torno da temática Interdisciplinaridade e 11 artigos relatando propostas e experiências sobre Administração Escolar.

Fechando esta edição, no Volume 4 trazemos 29 artigos divididos entre as temáticas da Formação Continuada, Formação para a Cidadania, Formação Docente e Leitura e Educação.

Sejam bem-vindos ao e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas”.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAPÍTULO 1	1
A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ARACAJU	
Lavinia Vieira Dias Cardoso Laura Verena Correia Alves Mariane dos Santos Ferreira Lorena Lima dos Santos Cardoso Silviane dos Santos Rocha Nunes Grasiela Pereira Ferreira Nuala Catalina Santos Habib Jéssica Gleice do Nascimento Gois Gabriela Nascimento dos Santos Claudia Sordi	
DOI 10.22533/at.ed.6491923121	
CAPÍTULO 2	9
A GESTÃO ESCOLAR E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	
Jéssica Dombrowski Juliane Marschall Morgenstern	
DOI 10.22533/at.ed.6491923122	
CAPÍTULO 3	20
AS INTERFACES DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NUMA ESCOLA PÚBLICA DE BRAGANÇA, PARÁ	
Irani de Almeida Farias Francisco Pereira de Oliveira Raul da Silveira Santos Juliana Patrizia Saldanha de Souza Neidivaldo Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.6491923123	
CAPÍTULO 4	34
COM-POR EM JOGO: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA-PERFORMER NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Roberta Liz de Queiroz Sousa de Deus	
DOI 10.22533/at.ed.6491923124	
CAPÍTULO 5	44
DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS PREMATUROS: UMA ANÁLISE LONGITUDINAL	
Elza Francisca Corrêa Cunha Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho Stella Rabello Kappler	
DOI 10.22533/at.ed.6491923125	
CAPÍTULO 6	52
EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Adenir Vendrame Célia Danelichen	

Mariza Aparecida Bail

DOI 10.22533/at.ed.6491923126

CAPÍTULO 7 64

“HISTÓRIAS DE UM DICIONÁRIO MALUCO NO JARDIM DE INFÂNCIA”

Maria Filipa Ferreira Borges de Azevedo

Paulo Manuel Miranda Faria

Altina da Silva Ramos

DOI 10.22533/at.ed.6491923127

CAPÍTULO 8 78

INFÂNCIA: CORPO E APRENDIZAGEM

Silvano Severino Dias

DOI 10.22533/at.ed.6491923128

CAPÍTULO 9 87

OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL (IM)POSSIBILIDADES DE AUTORIA DOCENTE

Rosely Santos de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.6491923129

CAPÍTULO 10 97

REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A VISÃO DOS PAIS DE ALUNOS DE UM CEIM EM SÃO MATEUS, ES

Juscilene Andrade de Oliveira Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.64919231210

ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO 11 111

A REFORMA DO ENSINO MÉDIO: A EVASÃO ESCOLAR E ENSINO TÉCNICO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Suzane Rodrigues da Silva

DOI 10.22533/at.ed.64919231211

CAPÍTULO 12 121

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A REFORMA DO ENSINO MÉDIO DE 2017: FINANCIAMENTO E MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Renato de Menezes Quintino

Silvia Elena de Lima

Sueli Soares do Santos Batista

DOI 10.22533/at.ed.64919231212

CAPÍTULO 13 133

EFETIVIDADE DO PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS (PROERD) NA INIBIÇÃO DO USO DE DROGAS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE TUBARÃO, SC

João Maurício de Souza Netto

Vilson Leonel

DOI 10.22533/at.ed.64919231213

CAPÍTULO 14 148

ESTATÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA A RESPEITO DA DENGUE

Luí Fellippe da Silva Bellincantta Mollossi
Pamela Paola Leonardo

DOI 10.22533/at.ed.64919231214

CAPÍTULO 15 157

O ENSINO DE CIÊNCIAS NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PECULIARIDADES DE UMA EFA NA CONCEPÇÃO DOS MONITORES

Aleilde Santos Araujo
Davi de Souza Silva

DOI 10.22533/at.ed.64919231215

CAPÍTULO 16 169

O ENSINO DE CIÊNCIAS NO MÉDIO MEARIM: MOMENTO DE (RE) CONSTRUIR

Francisco Nunes Ferraz Filho
Leiliane da Silva Mesquita
Carolina Pereira Aranha

DOI 10.22533/at.ed.64919231216

CAPÍTULO 17 187

PERCEPÇÃO DO ALUNO DO 9º ANO SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA APÓS A REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Cristiane Martins Viegas de Oliveira
Thiago Teixeira Pereira
Diego Bezerra de Souza

DOI 10.22533/at.ed.64919231217

EDUCAÇÃO SUPERIOR

CAPÍTULO 18 198

A DIDÁTICA E O ENSINO SUPERIOR

Cristiane Aparecida da Rosa Rossi

DOI 10.22533/at.ed.64919231218

CAPÍTULO 19 207

A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

Gilcéia Damasceno de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.64919231219

CAPÍTULO 20 219

ADAPTAÇÃO DOS PRIMEIROANISTAS À UNIVERSIDADE

Cassandra Catarina Gonçalves Mineiro

DOI 10.22533/at.ed.64919231220

CAPÍTULO 21 233

AValiação DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA A LUZ DA UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI

Vialana Ester Salatino
Andréia Morés

CAPÍTULO 22 246

ENSINO SUPERIOR E A EDUCAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

[Luiz Clebson de Oliveira Silvano](#)

[Adriana Lúcia Leal da Silva](#)

[Greicy Oliveira Nascimento](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231222

CAPÍTULO 23 256

LAS ALTAS CAPACIDADES INTELECTUALES EN ESPAÑA: ESTADO DE LA CUESTIÓN

[Ramón García-Perales](#)

[Ascensión Palomares Ruiz](#)

[Antonio Cebrián Martínez](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231223

CAPÍTULO 24 270

METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E SUA APLICAÇÃO NUM PROJETO DE MESTRADO NA COSTA AMAZÔNICA BRASILEIRA: MÉTODO E CONCEPÇÕES DE ANÁLISES

[João Plínio Ferreira de Quadros](#)

[Elder José dos Santos Silva](#)

[Raul da Silveira Santos](#)

[Francisco Pereira de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231224

CAPÍTULO 25 283

METODOLOGIAS ATIVAS: MÉTODOS E OBJETIVOS DE ENSINO NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

[Renata dos Anjos Melo](#)

[Maria Luísa Bissoto](#)

[Fernando Jeronimo Neto](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231225

CAPÍTULO 26 292

O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: UMA EXPANSÃO FORÇADA

[Dalmo Dantas Gouveia](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231226

CAPÍTULO 27 302

REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA DE ENSINO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNEMAT/BARRA DO BUGRES/MT

[Regiane Cristina Custódio](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231227

CAPÍTULO 28 310

TRABALHO DOCENTE: PERSPECTIVAS, CONCEPÇÕES E EPISTEMOLOGIA DA PRÁXIS

[Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231228

AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

CAPÍTULO 29	324
A TUTORIA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA DA UFRGS: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO E INTERAÇÃO ENTRE TUTORES E ALUNOS	
Tais Barbosa Rosane Aragón Franciele Franceschini	
DOI 10.22533/at.ed.64919231229	
CAPÍTULO 30	337
AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA) BASEADO EM HIPERMÍDIA EDUCATIVA PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO NOS PROCESSOS FORMATIVOS	
Ruben Dario Montoya Nanclares	
DOI 10.22533/at.ed.64919231230	
CAPÍTULO 31	348
CURSOS DE NUTRIÇÃO NO BRASIL: VAGAS, PERMANÊNCIA E MODALIDADE EAD	
Karen Hofmann de Oliveira Clevi Elena Rapkiewicz Vanuska Lima da Silva Divair Doneda	
DOI 10.22533/at.ed.64919231231	
CAPÍTULO 32	360
O PROFESSOR ENQUANTO PROFISSIONAL ESPECIALISTA E REFLEXIVO: DESAFIOS E IMPASSES PARA SE CONSTITUIR COMO DOCENTE NA ERA DIGITAL	
Mauricio dos Reis Brasão	
DOI 10.22533/at.ed.64919231232	
CAPÍTULO 33	373
TRANSFORMAÇÕES DIGITAIS: POTENCIALIDADE E SUJEIÇÃO	
Marcelo Micke Doti	
DOI 10.22533/at.ed.64919231233	
SOBRE O ORGANIZADOR	381
ÍNDICE REMISSIVO	382

COM-POR EM JOGO: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA-PERFORMER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Data de aceite: 02/12/2018

Roberta Liz de Queiroz Sousa de Deus

Secretaria Municipal de Educação - Uberlândia-
MG

RESUMO: Este texto apresenta reflexões decorrentes da minha prática pedagógica, envolvendo experiências corporais com crianças de quatro a cinco anos. A prática aqui analisada ocorreu no ano de 2015, em uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Uberlândia/MG. Propus-me a ponderar acerca de registros audiovisuais e notas feitas em caderno de campo, das aulas coordenadas por mim e que envolveram procedimentos lúdicos na experiência corporal das crianças. A partir da reflexão suscitada por estes registros, outros temas, além do modo de estabelecer o encontro, abrolharam. Dentre estes temas estão: o jogo como território próprio ou como performance e a sua apropriação pelas crianças, a presença do acaso nos encontros, o modo de compartilhar a experiência com a comunidade, bem como o papel do adulto que coordena os encontros. Encerro, retomando a relação percebida entre o estado de atenção presente enquanto artista da cena e o modo de estar em jogo com as crianças. a investigação continua: o que surge

na convivência com um professora-performer?

PALAVRAS-CHAVE: Jogo; Professor-performer; educação infantil

COMPOSING IN PLAY: SOME TEACHER-PERFORMER EXPERIENCES IN CHILDREN EDUCATION

ABSTRACT: This text presents reflections on my pedagogical practice, involving corporeal experiences, with children from 4 to 5 years old. The practice, analyzed here, occurred in 2015, at a Municipal School of Early Childhood Education in the city of Uberlândia/MG. I proposed to ponder about audiovisual records and notes on the classes coordinated by me were analyzed. These classes involved playful procedures in children's bodily experience. From the analysis of the records, other topics, besides the way of establishing a connection, were raised. Among these themes are: play as its own territory or as performance and its appropriation by children; the presence of chance in meetings; as well as the way of sharing the experience that approached the developed process. I close by resuming the perceived relationship between the state of attention present as a scene artist and the way of being at stake with the children. the investigation continues: what arises from

living with a performer teacher?

KEYWORDS: Play; Teacher-performer; child education

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho busca contribuir com os estudos acerca da ludicidade na educação infantil, por meio das reflexões decorrentes da minha prática pedagógica como professora de Educação Física em uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Uberlândia e, ao mesmo tempo, atriz, licenciada em teatro - uma formação que tem alimentado minha prática docente, mesmo que em outra área do conhecimento, com elementos lúdicos tão preconizados na educação infantil.

Se em um primeiro momento, entendia que o teatro e a ludicidade se manifestavam nas aulas com as crianças mais como ferramenta pedagógica do que como área de conhecimento. Agora, após estagiar com grupos de primeira infância o que veio a culminar no meu trabalho de conclusão de curso intitulado Teatro e primeira infância: uma experiência artístico-estética, orientado pela Prof.^a Dr.^a Vilma dos Santos Campos Leite; percebo que há em minha prática docente reverberações da formação em teatro que não permitem que ele esteja limitado a um recurso pedagógico.

Alguns pesquisadores brasileiros vêm se desdobrando acerca de abordagens teatrais na primeira infância. Vera Lúcia B. dos Santos (2002), ancorada nos escritos de Piaget, apresenta a representação teatral como procedente do jogo simbólico. Nesse sentido, revela a importância de a escola de educação infantil dispor espaço, tempo e materiais adequados para que as crianças brinquem e se interajam livremente, na presença do adulto aberto e pronto a mediar situações. Além disso, os professores podem propor pesquisas a partir dos temas surgidos nas brincadeiras.

Porém, a autora, ao pesquisar sobre experiência estética na Educação Infantil, encontrou uma realidade diferente da proposta acima. Observou que falta aos professores conhecimento sobre o teatro que os faça romper com o paradigma da arte como recurso utilitário e disciplinador, como os teatrinhos elaborados pelos professores e treinados com as crianças para adornar festas comemorativas. Outra questão é a postura do adulto, muitas vezes autoritária, que o impede de valorizar a brincadeira livre (defendida como conduta básica na Educação Infantil) e seu potencial na aquisição de conhecimentos das crianças.

Em contraposição a esse panorama é que esta pesquisa se desenvolve. Apesar de não se constituírem livres em sua essência, os jogos foram propostos de maneira que as crianças tivessem liberdade para solucionar problemas contribuindo

nos encontros. Uma busca pela criação de um espaço relacional, um espaço de afetos, como uma zona de contágio; onde a potência da relação gera conhecimento no corpo, do corpo, a partir do corpo. Isso se daria no espaço que se firma entre as crianças e suas experiências corporais - ancoradas na ludicidade, com um fim em si mesmas - e mim, implicada nos processos como artista, performer, brincante.

Para tanto, registrei e, tenho analisado, por meio de fotos, vídeos e em caderno de campo as aulas conduzidas por mim em três turmas de crianças de 4 a 5 anos, na escola supracitada, no ano de 2015. A carga horária semanal por turma era de duas horas/aula. Em duas turmas as aulas eram germinadas, uma na sequência da outra; e na outra turma aconteciam separadas em dias seguidos. Os encontros semanais, as partilhas, as trocas com as crianças geraram reflexões acerca, entre outras questões: da tomada do jogo como território próprio, dos diferentes modos de entrar em jogo, descobertas corporais e espaciais, além de narrativas por meio de jogos de faz de conta e do papel do professor nesse processo.

2 | JOGO COMO TERRITÓRIO PRÓPRIO

Embora o jogo seja, frequentemente, atrelado à educação por um suposto caráter educativo, Brougère (2002) aponta que isso é decorrente de uma visão romântica, até mítica. O jogo pode ser um espaço de aprendizagem de comportamentos exteriores, mas o “que caracteriza o jogo não é uma vocação particular para a educação, mas uma riqueza potencial de conteúdos culturais e de processos de construção, de transformação desses mesmos conteúdos.” (BROUGERE, 2002, p. 16)

Neste sentido, pela utilização de comportamentos oriundos de outros contextos o jogo é um exemplo de ‘comportamento restaurado’ (Schechner, 2003, 2012).

Todo comportamento é comportamento restaurado - todo comportamento consiste em recombinações de pedaços de comportamento previamente exercidos.[...] Por que é marcado, emoldurado e separado, o comportamento restaurado pode ser aprimorado, guardado e resgatado, usado por puro divertimento, transmutado em outro, transmitido e transformado. Comportamento restaurado é simbólico e reflexivo. Seus significados têm que ser decodificados por aqueles que possuem conhecimento para tanto.” (SCHECHNER, 2003, P. 34-35)

Apesar de retomar comportamentos de outras situações, o autor afirma, o jogo se “torna um fim em si mesmo, sem consequências funcionais diretas. [...] O prazer em jogar é autotélico, que vem não do que ele ‘ganha’, mas de apreciar as ações em si.” A noção que jogar é brincar. (SCHECHNER 2012, P. 109)

E esse brincar se aprende, uma vez que ele não é inato e se inscreve num sistema de significações.

A criança aprende assim a reconhecer certas características essenciais do jogo:

o aspecto fictício, pois o corpo não desaparece de verdade, trata-se de um faz-de-conta; a inversão dos papéis; a repetição que mostra que a brincadeira não modifica a realidade, já que se pode sempre voltar ao início; a necessidade de um acordo entre parceiros, mesmo que a criança não consiga aceitar uma recusa do parceiro em continuar brincando.” (Brougere, 1998, p.)

Nesse sentido, a abordagem aqui refletida ancora-se nas potencialidades inerentes do jogo em si, que se materializam no jogar. Fato é, que no próprio jogo podemos “perceber, sentir, explorar e, principalmente, transformar nossos corpos e nossos jogos corporais.” (Marques, 2009) ainda que isso não seja intencional ou consciente por parte dos jogadores.

Há ainda o entendimento do jogo imbuído de suas relações com diferentes práticas teatrais, com campo da expressão-comunicação e com a terapia. Esta é a abordagem de Ryngaert, na qual, o jogo está presente ao mesmo tempo como “experiência sensível, experiência artística e relação com o mundo.” (RYNGAERT, 2009, p.34)

As experiências aqui tratadas se manifestam a partir da proposta pedagógica com jogos, que fizesse justiça ao acontecimento o que, para Larrosa, exige um tipo de relação com o mundo que não seja o da intenção, mas o da atenção.

O real não pode acontecer por suposição, mas sim por certa atitude que, aqui, chamei a atenção. E talvez as formas dominantes de fabricar o real em nossos saberes e em nossas práticas constituam os obstáculos para o “estar presente”, para o cuidado, para a escuta ou para a espera. (LARROSA, 2008, p. 191)

Ao pensar a efemeridade do jogo, reforça-se a ideia de um estado de atenção em contraposição à intenção. Volto a pensar: jogando se aprender a jogar. E o que emerge dessa aprendizagem?

2.1 Um jogo e sua apropriação

As ações observadas e relatadas aqui decorrem da proposição de um jogo de origem indígena brasileira: Toloí Kunhügü. Nota-se a relação do corpo com o espaço, o ritual do jogo; em geral, a forma de apropriação do mesmo por parte das crianças. Neste jogo:

primeiro desenha árvore na terra, depois criança vem sentar nos galhos da árvore desenhada no chão imitando pássaros. Aí uma criança fica gavião. Aí gavião vai lá pegar criança. Quando chega perto, crianças correm balançando os braços (como voar). Aí gavião pega um e leva pra casa dele. Depois crianças voltam novamente na árvore e gavião volta a pegar. Até acabar crianças aí para.¹

Como todos os jogos, há variações deste, decorrentes da maneira de transmissão e das reelaborações que sofrem por quem os joga. Ele foi proposto em vários encontros: na primeira vez, ainda não havia visto o vídeo em que ele é descrito e pelo curto tempo de aula, optei por já deixar a árvore traçada, de uma

1. Descrição da brincadeira feita por um índio Kalapalo no documentário Jogos e Brincadeiras na Cultura Kalapalo. Trecho disponível em: <https://vimeo.com/5644347>. Acesso em 25 de julho 2016.

maneira bem estereotipada, e observei que o traçado influenciou a ocupação do espaço. Em uma das turmas, as crianças se organizaram próximo às bordas e, em outra, ocuparam um círculo que já pertence ao lugar que usamos frequentemente e que acabou ficando no centro do desenho da árvore.

Noutra ocasião, observei novamente que o desenho interferiu na ocupação, mesmo após assistirmos juntos o vídeo. Em uma turma, ocuparam, sentados, as voltas da copa da árvore e na outra em que contornei a sombra de uma árvore que se firmava no chão, algumas crianças ocuparam, como ninho, o banco que estava também nessa sombra. Ocorreu também, em algumas ocasiões, de crianças se posicionarem fora do traçado da árvore.

A forma de ocupação modificou após observação de ninhos de pombos que temos na quadra, quando as crianças saíram a recolher gravetos para montarem seus ninhos, enquanto eu traçava a árvore. Durante a montagem de seus ninhos ocuparam toda a copa traçada.

Esse ritual de preparação da brincadeira pode ser visto no jogo dos Kalapalo, quando todos juntos fazem o desenho da árvore na terra e em várias outras brincadeiras, como a amarelinha. Nesse momento de preparação surgem: ninhos de variadas formas, embora prevalecesse a circular; ninhos feitos com outros materiais encontrados no espaço (pedras, tampinhas, brinquedos deixados por outras crianças). Além disso, da parte de algumas crianças estabeleceu-se um sentido de posse por seus ninhos. Estas se irritavam e lutavam pelos espaços que construíram quando outros pássaros queriam ocupá-los.

Outro aspecto observado foi uma espécie de auto-gestão da brincadeira, como relatado no registro abaixo:

Os passarinhos voam e quando um é pego, os outros voltam para a árvore. Talvez por terem visto o vídeo antes. Começo sendo o gavião e vou revezando esse papel com os passarinhos que foram pegos. Foram apenas 10 crianças, mas é possível observar uma auto-gestão das crianças com relação à brincadeira. Esse movimento de correr e voltar para o ninho não foi uma condução minha, mas estava no vídeo. Fui a primeira a fazer o som (um grito) que o gavião deveria fazer para que os passarinhos voassem, porém não ficou como modelo a ser seguido. A próxima a ser o gavião propôs palmas e os gaviões seguintes também adotaram essa escolha. (Registro do caderno de campo no dia 19/10/2015, sala 12 tarde, turma de crianças com, em média, 4 anos de idade.)

Nesta turma, algumas vezes era possível dividir os alunos com a professora regente (aquela que tem uma maior carga horária na turma e, por isso, é a responsável imediata pela mesma). Esta divisão me permitia trabalhar com um número menor de crianças o que favoreceu a observação delas em estado de jogo, atentando mais para suas descobertas e propostas. Na sequência do ocorrido no relato acima, troquei o grupo que estava comigo pelo que havia ficado com a professora e com este grupo percebi diferentes formas de entrar no jogo: há crianças que se interessam

pelas ações: correr, fugir, pegar, não necessariamente aludindo a ficcionalidade, outras abrem os braços como asas dos pássaros, assim como explicado no vídeo. Outra ainda, assumiu uma postura diferente para o corpo do gavião: rígido com os braços ao longo do corpo, tonificados, se deslocava de um lado para o outro, em torno da árvore, em um tempo dilatado. Tive que intervir e sugerir que ele fizesse o som para despertar os passarinhos senão o jogo não aconteceria.

Esta criança, quando no papel de gavião, acionava o mesmo comportamento. Outro dia, após o jogo, comentou de um desenho: Os Kratts, no qual, segundo a criança quando o homem ativa um poder, se torna falcão, esta é a imagem que ela criava para fazer o seu gavião. É rico poder saber disso. Já havia notado sua atitude de presença enquanto jogava, mas não sabia suas referências. Essa é a ideia de comportamento restaurado que comentei no início do texto. Saber que a “criatividade do jogo vem nas novas formas em que comportamentos já conhecidos são reorganizados, criando sequencias novas” (Schechner, 2012, p. 108) nos ajuda a voltar o olhar para a utilização dos mesmos em jogo, e também para a atuação de cada criança, favorecendo e valorizando os novos arranjos e as formas particulares de se colocar em jogo.

Bastava um olhar atento para perceber que em todas as ações observadas havia jogo. Uma vez que “tanto o jogo infantil quanto o adulto envolvem exploração, aprendizado, o fluxo entre o risco e o ganho ou o envolvimento total na atividade por sua própria conta. O jogar cria sua própria realidade múltipla, com fronteiras porosas e escorregadias.” (Schechner, 2012, p 95)

Nesse sentido, o jogo é potencialmente um espaço de agenciamentos e trocas afetivas.

2.2 O professor-performer

Anuncio: “Cuidado! Ouço som de gavião”. Vou falando baixo perto dos que ainda disputam o cabo-de-guerra. “Protejam-se nos ninhos!”. Começam a organizar ninhos com as cordas na árvore, semelhante à toca do coelho que usamos corda em outra aula (repertório?). Enquanto vão montando os ninhos e se escondendo, eu de gavião, circulo a árvore fazendo pequenos sons. Clima! Aqui todos estão atentos, inclusive duas crianças que ficaram alheias às ações que precederam essa, apesar de estarem em um ninho fora da árvore. Me aproximo. Alguns já querem se levantar e sair, mas só sai quando o gavião emite um som alto. Eu performo com o corpo do urubu que pesquisei em um processo cênico chamado “As Carpiedeiras”. Os ninhos vão sendo agrupados, me dizem “é uma piscina!” No fim, a árvore está tomada pela grande piscina. Quando me canso de pegar, anuncio, gavião, que não gosto de água. Começam a me “molhar”, morro! Alguem grita: “O gavião está grávido!” (eu, realmente, grávida de 7 meses) Volto e num último suspiro, após parir, entrego o meu filho a uma das crianças, inspirada em um jogo de melodrama com o tema abandono, e Fim! Ouço: Foi muito bom vamos fazer de novo? (Registro do caderno de campo no dia 10/11/2015, sala 11 tarde, turma de crianças com, em média, 4 anos de idade)

Philippe Gaulier em seus cursos de clown e bufão já apontava para a importância do gosto pela brincadeira e jogos lúdicos na formação de atores, identificando-os como “uma imensa pulsão de vida um impulso vertiginoso, o primeiro sopro.” Enaltecendo que o gosto de brincar é o “de voltar à infância, alimentar-se do prazer da luz, do amor pela vida, da sensualidade, da voluptuosidade e do humor” (GAULIER, 2016, p. 51-54)

O que eu poderia colocar em jogo na relação com as crianças no que tange à arte, mais especificamente às artes do corpo? Acabei, então, me implicando nos processos como artista, brincante, performer e encontrando nas crianças parceiros de pesquisa. Colocamos em ação, as crianças e eu, a nossa capacidade de jogo, segundo Ryngaert (2009, p. 54), uma noção que não diz respeito apenas à técnica teatral. Assumir a capacidade de jogo é acionar competências que se espera de um jogador, ator ou não-ator, e que eu lanço mão enquanto professora-performer, para além de um conteúdo específico. Entre essas competências, segundo Ryngaert (2009, p. 55-59) estão: estar presente, atitude que “desencadeia uma disponibilidade sensorial e motora, libera um potencial de experimentação”; escuta que exige estar receptivo ao outro, mesmo quando não se olha para ele; ingenuidade, deixar-se surpreender; por fim, a cumplicidade, estado criado em virtude das outras competências instauradas.

A capacidade de jogo, já experimentada por mim enquanto atriz, se articula em dois níveis nesse processo, estando ambos imbricados um no outro: um primeiro, enquanto jogadora na situação de jogo propriamente dita (quando recupero comportamento do urubu de outro processo artístico para compor o gavião, quando ponho em jogo a entrega do bebe-filhote, exercício comum na linguagem do melodrama,) e o outro nível como atitude metodológica, por meio da qual é possível escutar e ver o aluno na sua singularidade (quando me torno cúmplice, em silêncio, e permito a junção dos ninhos).

a atitude lúdica, coloca o professor numa relação de parceria e cumplicidade com o aluno na busca e na construção do conhecimento. Por outro lado, o professor-jogador é aquele que sonha e ao sonhar empreende de maneira ativa uma ação pedagógica, visando transformar o campo rude da instituição escolar num campo repleto de imagens vivas e poéticas. (SOARES, 2010, p. 96)

A dimensão lúdica da brincadeira, do jogo, assim como no teatro evidencia-se com todo seu caráter potencialmente transgressor (PUPO, 2001, p. 183). Voltemos ao último relato de aula: estamos falando de uma piscina em cima da árvore, estamos falando de mudança das regras (os ninhos se aglomerarem), estamos falando de jogo em seu aspecto de segundo-grau “que se refere a uma comunicação específica e a um plano ontológico do que se faz quando se brinca (fazemos de conta!)” (Brougere 2002, p. 11)

Na qualidade do faz-de-conta, do agir como se, segundo Maria Lucia Pupo (2005, p. 221), pode ser identificado “um traço comum ao trabalho do ator, que deliberadamente empresta seu corpo e o conjunto dos seus recursos para tornar presente um ser ausente.”.

Ao acionar essa qualidade, por meio do professor-performer, materializa-se a possibilidade de desestabilizar os papéis performados em sala: professora brinca?

A proposta está em consonância com o trabalho da artista dinamarquesa Anna Marie Holm que, ao longo da vida, propôs oficinas experimentais de arte com crianças oferecendo-lhes oportunidades de explorar seus sentidos. Para ela,

As crianças já nascem criando instalações. Elas têm um talento natural para construir - juntar - dar substância e inventar histórias. Observar - equilíbrio e desequilíbrio - experimentar as possibilidades dos materiais. Criar ambientes - ambientes próprios - jamais vistos anteriormente. Descobrir. O processo de construção é o mais comum para elas, isto é, se elas tiverem a oportunidade. (HOLM, 2004, p. 87)

O papel dos adultos, então, deveria ser o de co-criativos e não controladores.

Mas não se engane, professor também da “bola fora.”:

Eu como pássaro sou pega. O menino que logo depois é pego pela estagiária, que está como gavião, chora e diz que não quer mais brincar. Converso com ele na casa do gavião que era assim mesmo a regra: ele já tinha saído. Estava fora! A menina do meu lado, que também havia sido pega, pergunta assustada “nós saímos da brincadeira?” Eita! Quantas vezes em ações, jogos, insistimos que quem “está fora” está dentro e eu dando bola fora... (Registro do caderno de campo no dia 10/11/2015, sala 13 tarde, turma de crianças com, em média, 4 anos de idade)

Mais uma vez os modos particulares de se colocar em jogo: para a menina ela permanecia jogando, ainda que sentada “presa na casa do gavião”, o que era pertinente pela estrutura do jogo. Para o garoto ele estava saindo do jogo porque havia sido pego e eu reforçando a regra da exclusão.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falei da opção por assumir, conscientemente, enquanto professora, um estado de jogo ou de performance, que Paulina Caon percebe atravessando a vida humana e se desdobrando em diversas ações, inclusive no contexto escolar e pedagógico. Entendendo que:

[...] o adulto não performa para estimular ou “abrir espaço” para a performance da criança no processo pedagógico em teatro. O professor, como adulto, performa como parte de sua condição corporal, em diálogo com seu repertório artístico e biográfico, assim como performam crianças, adolescentes, jovens, conforme seus processos de apreensão do mundo. (Caon, p. 250)

Não se trata aqui de estabelecer uma metodologia de trabalho, mas sim de explicitar um modo particular de agir pedagogicamente que está atrelado a uma

trajetória pessoal. Nesse sentido, por ter vivenciado diversos momentos de jogo em minha formação em teatro, venho tentando ressignificar esse repertório no ambiente escolar, de modo a experimentar a potência do encontro, afetar e ser afetada e nesse sentido não há como deixar de me implicar nos processos como artista, performer, brincante seja qual nome for dado; mesmo que não esteja conduzindo uma aula de teatro.

Experimentar as fronteiras entre intenção e atenção, proposição e permissão requer muitas vezes performar o silêncio, a imobilidade, sem sair do estado de jogo. Afinal a “imobilidade não mata o impulso. Chamamos esse estado de ‘ponto fixo’”. (GAULIER, 2016, p. 66)

Jogar com o silêncio! Deixar rolar, abster-se do papel de regente, atender ao que Holm (2004, p. 92) sugere: “Solte as rédeas das crianças - conheça essa energia maravilhosa”. Eis a questão!

O processo com o jogo Toloí Kunhügü se encerrou com um compartilhamento do próprio jogo na mostra cultural da escola. Crianças das três salas citadas até aqui que estiveram presentes na mostra e eu jogamos diante dos visitantes o jogo que havíamos vivenciado em processo na sala de aula. Nesta ocasião, algumas crianças de outras salas e até mesmo não alunas da escola se incluíram no jogo.

A maneira escolhida para compartilhar as experiências por meio do próprio jogo deu às crianças a oportunidade de experimentá-lo explicitamente como performance (Schechner, 2012), o que ocorre quando ele é feito abertamente, em público. Além de reforçar o interesse em estabelecer, por meio do jogo, um espaço relacional que se evidenciou na inclusão de outras crianças no jogo.

REFERÊNCIAS

CAON, Paulina Maria. **Desvelando Corpos na Escola: experiências corporais e estéticas no convívio com crianças, adolescentes e professores.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Área de Concentração: Pedagogia do Teatro – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo, 2015. 289 p.: 50il.

BROUGÈRE, Gilles. (1998). A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, 24(2), 103-116. Disponível em: <<<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>>> Acesso em: 20 de julho de 2016

_____. Lúdico e educação: novas perspectivas. **Linhas críticas**, 2002, v. 8. N.14: 5-20 Disponível em: <<<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewArticle/6491>>> Acesso em: 20 de julho de 2016

GAULIER, Philippe. **O atormentador: minhas ideias sobre teatro.** Tradução Marcelo gomes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

HOLM, Anna Marie. A Energia criativa natural. In: **Pro-Posições: Revista da Faculdade de Educação**, UNICAMP, v. 15 n. 1 (43) – jan./abr. 2004. Disponível em: <<<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/43-dossie-holmam.pdf>>>. Acesso em: 20 de julho de 2016

LARROSA BONDIA, Jorge. **Desejo de realidade**: experiência e alteridade na investigação educativa. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (org.). Filosofia, aprendizagem, experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 185 - 194.

MARQUES, Isabel. **O Corpo e o Lúdico**. versão revisada do artigo publicado em Bemvenuti, Alice (org.). O Lúdico na Prática Pedagógica. Curitiba: Ibpex, 2009. Disponível em <<<http://acaocorporal.blogspot.com.br/2012/03/o-corpo-e-o-ludico.html>>> Acesso em: 25 de julho de 2015.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. O lúdico e a construção do sentido. **Sala Preta**, Brasil, v. 1, p. 181-187, sep. 2001. ISSN 2238-3867. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57023/60020>>. Acesso em: 27 July 2016.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SCHECHNER, Richard. O que é Performance? **O Percevejo**: Revista de Teatro Crítica e Estética, Ano 11, nº 12, p. 25-50, 2003.

_____. **Jogo**. In: LIGIERO, Zeca. Performance e antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2012. 91-128

SANTOS. Vera Lucia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento**: do faz de conta a representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral**: uma poética do efêmero: o ensino do teatro na escola pública. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias. Coordenador Substituto do Curso de Pedagogia. Representante Docente no Conselho Diretor. Membro do Comitê Interno de Assessoramento do Programa Institucional de Iniciação Científica/UFT. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia” e membro do Grupo “Laboratório de Formação de professores e práticas dialógicas na Educação- Lapedi - UFT”. Tem Pós-Doutorado em Educação, 2018 (FACED/UFU). Doutor em Educação, 2016 (UNESP/Marília). Mestre em Educação, 2010 (FACED/UFU). Graduado em História, 2007, Bacharelado e Licenciatura (UFU), Bolsista IC/CNPq (08/2004 a 08/2007) integrando ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação (NEPHE/FACED/ UFU). Graduado em Pedagogia, 2013, Licenciatura, pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Durante o mestrado, foi bolsista CAPES; Secretário da Revista Cadernos de História da Educação (NEPHE/FACED/UFU); representante Discente no Conselho da Faculdade de Educação (CONFACED); representante Discente nos Conselhos Superiores: CONSUN (Conselho Universitário) e CONPEP (Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação); membro do CONAD (Conselho de Administração do Hospital de Clínicas da UFU); membro da CPAUFU (Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal de Uberlândia); membro da Comissão de Revisão do Estatuto e do Regimento Geral da UFU; eleito Coordenador Geral da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) biênio 2008/2009. Desenvolve pesquisa na busca, identificação e catalogação de fontes primárias para a História da Educação como jornais, periódicos, atas, imprensa, leis, relatos, levantamento de acervos públicos e particulares, entre outros, tendo como foco a História Local e a História das Instituições Escolares, assim como efetiva participação em cursos de Especialização (lato sensu) voltados para a formação de professores com foco na gestão, organização, planejamento, orientação e avaliação na Educação Básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação Pedagógica 20, 22, 40, 282, 333, 370

Adaptação 6, 127, 166, 176, 219, 220, 221, 222, 224, 230, 231, 249, 300

Aprendizagem 2, 3, 4, 5, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 36, 37, 43, 46, 49, 54, 66, 68, 70, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 99, 100, 102, 105, 109, 110, 117, 119, 155, 163, 171, 179, 180, 202, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 224, 225, 226, 229, 233, 234, 235, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 307, 308, 312, 313, 315, 316, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 340, 341, 342, 344, 345, 346, 350, 352, 356, 361, 362, 364, 368, 371

Avaliação 4, 8, 14, 44, 46, 49, 50, 51, 55, 62, 126, 130, 139, 140, 180, 203, 206, 213, 214, 219, 224, 226, 227, 231, 232, 233, 234, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 248, 268, 269, 291, 295, 301, 312, 319, 331, 335, 349, 350, 352, 355, 381

C

Campos de Experiências 87, 88, 89, 90, 92

Consciência Fonológica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

Corpo 25, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 100, 159, 167, 182, 189, 190, 195, 306, 351, 376

Crianças 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 124, 134, 160, 165, 181, 320, 362, 369, 371

D

Desenvolvimento 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 13, 17, 21, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 76, 78, 82, 83, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 94, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 108, 109, 110, 113, 114, 117, 119, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 139, 149, 150, 158, 160, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 176, 178, 179, 180, 188, 189, 198, 199, 201, 202, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 228, 229, 236, 240, 241, 242, 247, 248, 249, 253, 273, 283, 286, 290, 294, 310, 311, 312, 314, 315, 317, 320, 321, 324, 327, 328, 330, 334, 335, 338, 339, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 350, 351, 360, 366, 368, 371, 375

Desenvolvimento humano 97, 139, 164, 345

Desenvolvimento profissional docente 64, 66, 67, 68, 76

Didática 25, 28, 148, 149, 150, 151, 155, 168, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 244, 251, 292, 307, 308, 340, 362

Digital 64, 65, 68, 75, 76, 249, 250, 329, 336, 346, 360, 365, 373, 374, 375

Docência universitária 207, 208, 209, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218

Docente universitário 199, 207, 208, 209, 213

E

Educação Física 35, 174, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 286
Educação Infantil 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 63, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 108, 109, 110, 126, 134, 156, 181, 323, 326
Educação Matemática 148, 156
Educação Profissional e Tecnológica 121
Ensino de Ciências 148, 149, 157, 159, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 180, 181, 182, 184, 185, 186
Ensino de Estatística 148, 150, 155
Ensino Médio 14, 23, 100, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 140, 143, 148, 149, 150, 151, 156, 173, 175, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 221, 230, 291, 295, 297, 298, 299
Ensino superior 24, 115, 123, 124, 126, 127, 128, 131, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 232, 233, 235, 243, 244, 246, 248, 284, 286, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 305, 308, 326, 350, 355
Ensino Técnico 111, 112, 119, 121, 126
Escola Família Agrícola 157, 158, 168
Escola Pública 1, 20, 32, 33, 43, 140, 149, 151, 177, 322, 372
Escolas públicas 21, 22, 116, 117, 119, 131, 134, 135, 136, 169, 170, 171, 172, 298, 326
Estudantes primeiroanistas 219, 221, 231
Evasão Escolar 111, 112, 113, 115, 118, 127

F

Família 1, 14, 17, 18, 22, 30, 31, 46, 57, 61, 62, 75, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 110, 133, 139, 144, 152, 157, 158, 160, 164, 168, 230, 295
Finanças 52, 54, 56
Fonoaudiologia 1, 2, 5, 7, 8, 50
Formação profissional 64, 65, 68, 116, 123, 130, 160, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 217, 290, 318, 361, 368

G

Gestão escolar 9, 10, 11, 12, 16, 18, 32, 326

I

Infância 2, 12, 22, 23, 24, 33, 35, 40, 52, 54, 64, 65, 69, 70, 74, 78, 79, 82, 84, 86, 94, 97, 99, 126, 134, 156, 162, 177
Intus Forma 52, 53, 55, 63

J

Jogo 6, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 95, 190, 377, 379

L

Leitura 3, 4, 5, 7, 8, 64, 68, 69, 87, 88, 101, 102, 174, 175, 211, 303, 311, 317, 321, 329, 356, 364, 370

M

Médio Mearim-MA 169

Mercantilização da educação 121, 127, 130, 131, 132, 311

O

Oralidade 62, 64, 69

P

Percepção 2, 60, 61, 78, 81, 84, 85, 86, 139, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 197, 224, 225, 230, 252, 282, 314, 374

Pio XII-MA 157, 158, 159, 160, 168, 172, 177

Política educacional 17, 112, 117, 118, 121, 124, 132

Políticas educacionais 9, 95, 125, 126, 129, 130, 132, 318

Práticas Educativas 9, 198, 328, 330, 338, 339

Práticas Pedagógicas 21, 23, 26, 69, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 96, 224, 243, 290, 303, 306, 333, 334, 345, 346, 355, 366

Prematuro 44, 45

Professores de Educação Infantil 87

Professor-performer 34, 39, 41

R

Reforma do Ensino Médio 111, 113, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 187, 188, 189, 192

Reformas educacionais 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 312

Representações 120, 155, 219, 221, 224, 225, 227, 230, 231, 232

S

São Roberto-MA 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 181, 182, 184, 185

Satubinha-MA 169, 170, 171, 172, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 185

Sequência Didática 148, 149, 150, 151, 155

V

Vocabulário 3, 4, 64

